

Pe. MARTIN, PROFETA DA VERDADE E DA JUSTIÇA

Com uma linda história de vida, padre Martin Peter Huthmann foi e sempre será exemplo e fonte de inspiração para todas as gerações jaciarenses.

Quando a mim foi solicitado pela redação desta Revista, que escrevesse uma matéria sobre Padre Martin, fiquei temerosa de não corresponder à expectativa de seus amigos e daqueles que o veem como um mito. Pela primeira vez me senti inábil para tamanha responsabilidade.

Logo nas primeiras entrevistas descobri que há um senso comum entre os moradores de Jaciara quando se trata do Padre Martin. Tanto seus admiradores quanto os seus poucos desafetos são unânimes em afirmar que ele fez de sua vida uma experiência única e especial, em favor do próximo.

A sua história de vida é comovente, marcada muito mais por sua persistência na busca pela justiça, pela defesa dos menos favorecidos, pela militância política e pela defesa das causas ambientalistas, do que da forma que a igreja entende o sacerdócio.

Os seus escritos deixam transparecer com clareza a sua ânsia pelo pertencimento e aceitação do próximo. Um homem de coração doce, muitas vezes, incompreendido pela forma ríspida de se expressar, mas de caráter retilíneo, austero e tirano consigo próprio.

“Um profeta da verdade e da Justiça”, como tão bem o definiu o seu maior amigo, Domingo Braun. Eu diria: um cidadão que levava a comunidade a reivindicar da política o cumprimento do seu papel.

Padre Martin teve, ainda criança, a convicção de sua verdadeira missão, a de sonhar os sonhos do povo e se dedicar a transformá-los em realidade, ainda que nem sempre isso fosse possível.

“Minha primeira comunhão aconteceu no ano de 1940. Naquele dia eu prometi a Jesus só pertencer a Ele e à Igreja e um dia ser presbítero”, declara.

Um homem de gosto simples, fumava cachimbo, muito raramente gostava de

apreciar pequena dose de schnaps (aguardente em alemão). Viveu espartanamente e só, por muitos anos em uma casa de madeira na Vila Santo Antônio, à época, um dos bairros mais carentes de Jaciara, e somente após sofrer um assalto foi residir na sede da AEMA - Associação Ecológica e Ambientalista -, onde passou seus últimos dias, até que fosse levado para o hospital em Rondonópolis e de lá voltasse somente quando entregou seu sopro vital a Deus, no dia 8 de fevereiro de 2019, aos 87 anos.

Como ele diria, “em nome do Pai, do Filho e da Espírita Santa!”

Ao contatar com as pessoas que lhe são caras e com as quais conviveu a maior parte do tempo, em Jaciara, como o amigo Domingo Braun, caiu-me nas mãos um pequeno livro autobiográfico que ele compartilhou com os amigos e, pus-me a pensar que talvez ele gostasse de ver sua história contada da sua própria ótica.

No pequeno livro, ele relata sua vida em três ciclos a infância, onde viveu os horrores da guerra, a ausência temporária do pai, a convivência com o avô, com o qual possuía grande afinidade religiosa, a dedicação a mãe, a adolescência e os estudos até sua ordenação, em 1958.

Na segunda parte, ele descreve suas experiências de vida na Alemanha, como presbítero; a militância

política, a influência de Charles Foucault, a liderança em grupos de estudos religiosos e os manifestos contra o rearmamento de foguetes de médio alcance. E conclui com sua vinda para o Brasil, em 1983, até os seus 84 anos.

Viveu mais três anos após esse relato. A sua narrativa é fiel à sua essência. Ele a começa, assim: “Meus pais se conheceram e amaram-se durante as férias nos Alpes”.

Filho do casal de alemães, Philipp e Annemarie, ele químico que se tornou perfumista e ela uma moça da colônia, Martin nasceu no dia 27 de dezembro do ano de 1931, realizando o grande sonho do pai de ter um filho varão. “Quando olhei a luz do mundo pela primeira vez, eu já tinha duas irmãs, Helena com três anos e Úrsula com um”, relembra.

Martin narra com riqueza de detalhes, quando ainda criança, ter presenciado uma carreata de nazistas, em 1935. “Até hoje, tenho guardado na memória quando vi pela



Sra. Annemarie e Philipp, pais do padre Martin

primeira vez o líder Adolf Hitler, num carro aberto e as bandeiras com a suástica nazista, militares e músicos (...) pensei muitas vezes que aquilo foi fruto da minha imaginação, mas muitos anos depois, visitando a mesma cidade, encontrei em uma livraria uma revista que estampava a mesma cena em sua capa...”, conta.

Martin relata as constantes mudanças que a família foi obrigada a se submeter por causa da guerra. As sirenes, os barulhos das bombas, dos abrigos de Berlim, mas também fala das peraltes de criança, da alegria da convivência com amigos, ainda que em dias difíceis, da sopa de beton, dura como concreto (sobra dos norte-americanos), que comiam na escola e, principalmente, do amor pela mãe.



Pe. Martin e suas irmãs, Úrsula e Helena

“Uma vez disse à minha mãe: Quando eu crescer te amarei só na parte da tarde, ela questionou-me: Mas por que meu menino? E eu lhe expliquei: Porque de manhã terei que ir para a escola”.

Sobre sua religiosidade, sempre presente, descreve, “(...) Minha mãe rezava dia e noite, uma vez, eu não quis ir à missa dominical, minha mãe não conseguiu manter a autoridade e meu pai, que não frequentava nenhuma igreja, falou-me: Se você prometer alguma coisa, há de cumprir. Isso marcou a minha vida”, ressalta.

Por muitas vezes, cita o avô, que na adolescência profetizou que um dia ele seria um arquiteto. “Meu avô disse que eu seria um arquiteto, mas sempre me chamou de sumo sacerdote, como ele tinha razão.”

Em 1951, quando prestou vestibular, validou o seu desejo de infância de estudar teologia.

Começou os estudos em Munique, mas sabia que deveria buscar ajuda de um bispo, para ir à cidade de Colônia. Lá, morou em condições precárias em um colégio de seminaristas. Trabalhou em minas de carvão e foi repreendido pelos superiores, mas confessa:

“Eu queria conhecer a vida dos trabalhadores”.

Talvez, tenha sido o mesmo desejo de conhecer e agir que o fez caminhar por quinze dias de Jaciara a Cuiabá, em defesa dos “Sem-Terra”, na Campanha da Fraternidade de 1986.

“Os estudos foram frustrantes, porque não podíamos ter iniciativa própria.

Conheci pessoas que já haviam lido Charles de Foucault, pesquisei sobre a vida dele e me encantei, passando assim a estudar a sua teoria”, dizia.

No dia 24 de fevereiro do ano de 1958, com 26 anos, Martin foi ordenado.

Celebrou a primeira Eucaristia no dia 2 de março do mesmo ano, na Paroquia São José, em Bemge, Alemanha, onde atuou como vigário por três anos.

“Seis meses ajudei numa paróquia, tentando, atendi às primeiras confissões. Naquela época, existia o catolicismo intacto. Nos domingos, seis missas, e à tarde, catequese e celebração (...), ministrava 30 aulas de catequese na escola, acompanhava a pastoral da juventude e coroinhas. No Natal atendi em doze horas de confissões, com intervalo de meia hora apenas. Toda a liturgia era rezada em latim. O pároco não gostava muito de mim, porque eu fazia as leituras em alemão. O celebrante podia pecar cinquenta vezes, durante a missa, se não observasse as leis do rito, mas questiono: Como falou Agostinho: o que eu sou para vocês me assusta, parece que o sacerdote é o verdadeiro dono da graça de Deus”, narrou o padre em seus escritos.

“Martin, você fez toda a marinha católica, porque todos os domingos o sino dos navios nos convida à celebração”

Foi também Vigário Geral da pastoral militar. Werthmann, seu superior, ordenou: “Eu preciso de um padre na marinha. Os marinheiros são evangélicos ou ateus, estão longe de suas pátrias. Provavelmente, você não poderá celebrar missa nem dar os sacramentos. Simplesmente, represente a igreja que não esquece os afastados, seja irmão e companheiro deles”, recomendou o superior.

No início do ano de 1962, Martin foi para Kiel, um ponto de partida para diferentes portos, e relata estar em uma encruzilhada do mundo e da igreja. “Não me esqueço de uma noite, durante um bate-papo, quando os oficiais se sentiram ofendidos pelo poder da igreja, terem-me agredido friamente, mas eu não reagi, porque jurei nunca usar o poder”, conta o livro.

Muitas viagens marcaram parte de sua



Ordenação do Pe Martin, em 1958. Nos primeiros anos, ele se reconhece inseguro: “o que eu sou para vocês me assusta.”

vida nessa época. Inglaterra, Holanda, Noruega, França, Portugal, Marrocos, EUA e Canadá. Durante longos oito sofridos anos, não teve residência em terra firme, acompanhou vinte diferentes navios e destinos. Segundo ele, havia pouca participação nas missas, mas fez amigos e um deles lhe assegurou: “Martin, você fez toda a marinha católica, porque todos os domingos o sino dos navios nos convida à celebração”.

Isso lhe acalentou o coração. “Agora posso falar como Santo Agostinho: o que sou com vocês me consola, sucesso não é o nome de Deus”.

Padre Martin participou da Fraternidade de Jesus Cáritas, na Alemanha, e formou a primeira fraternidade da Diocese, em Bonn. No ano de 1982, depois de viver na maior precariedade, conseguiu, junto com seus superiores, comprar uma casa e dedicá-la a Oscar Romero e agregar os estudantes na casa do Cardeal Newman, onde promoveu,



Pe Martin celebra a primeira Eucaristia, em 2 de março de 1958



Padre Martin decide vir para o Brasil, em 1982, pela amizade com o Pe. Gunther, de Rondonópolis, e para ajudar nas causas dos pobres e excluídos

em companhia de amigos, vários círculos sobre questões sociais e políticas.

“Refletimos sobre teologia e a prática da libertação. O entendimento do grupo era de não partir para a Nicarágua, El Salvador ou para o Brasil, mas dar continuidade à luta contra as estruturas capitalistas na Europa”, pensa ter decidido.

Porém, quis o destino que ele tomasse outro caminho. A decisão de vir para o Brasil aconteceu em uma reunião internacional da Fraternidade, no verão de 1982, na Argélia, na qual participou como representante da Europa.

Naquela oportunidade, o padre Gunther Lendbrald, com que tinha estabelecido laços de amizade havia apenas um mês, foi eleito o responsável geral. Dom Osório que já se estabelecerá na cidade de Rondonópolis, MT, concordou com a vinda de Martin.

Martin fala desse momento com profunda determinação. “Me levantei e disse: eu vou junto com Gunter para o Brasil!”. Todavia, o visto para o Brasil atrasava, a ditadura militar estava em vigor e ele teve que esperar um ano, período que lutou com o aprendizado da língua portuguesa.

Um dia Gunter lhe telefonou e disse: “Venha, ainda que seja como turista”. Um dia

após o protesto contra o rearmamento, Martin partiu para São Paulo. “Minha mochila estava feita e eu pronto para novas aventuras,”

Em outubro de 1983, curioso para conhecer o estado de Mato Grosso, para onde foi destinado, Martin pisou pela primeira vez em solo jaciarense.

“Fiquei desesperado (...), eu não entendia nada do que falavam e o povo não entendia nada do que eu falava. Eu me senti uma criança totalmente dependente e consciente de que precisava começar tudo de novo, aos 52 anos. Três meses depois, venceu meu visto, viajei para Assunção, Paraguai, após meio ano, voltei para Bonn, e meio ano depois voltei a Jaciara. Dom Osório assegurou-me que eu nunca teria visto permanente e, após sete anos, eu consegui”, fala desta passagem transformadora na vida dele.

O padre comenta sem vaidade e de forma simples o apoio prestado por ele e ao padre Gunter ao “Movimento Sem-Terra”.

“O tema da Campanha da Fraternidade, em 1986, foi “Terra de Deus, Terra de Irmãos. Gunter tinha organizado umas setenta famílias de Sem-Terra, gente como Abraão, que deixa tudo buscando um lugar para morar. Fizemos um percurso de 15 dias à pé, de Jaciara a Cuiabá, pela BR-364. Foram templos bíblicos, eu admiro esse povo que assume com garra toda essa luta, carregando pouca bagagem e as suas crianças. Eles acamparam três meses em frente da igreja Nossa Senhora em Cuiabá, depois foram enviados de ônibus a Colíder e Nova Galileia, estação final: algumas casas, terra queimada, um riacho onde as mulheres lavam roupa. Penso: Meu Deus como isso é possível! Dez anos depois visitei o grupo, como tudo mudou! Plantações, hortas, casas, animais (...). Como alguém pode afirmar que os pobres são preguiçosos! No chão a cruz de bambu ainda existia”, narra essa epopeia.

Em 1989, Padre Gunter foi chamado para ser orientador espiritual no Seminário em Campo Grande-MS, e o bispo convocou Martin para Jaciara.

“O que eu sou para vocês me assusta. Pela primeira vez, na minha vida, fui pároco, com todos os direitos e poderes. Logo eu, que nunca quis o poder (...), tentei não abusar dele, minha vida, meu exemplo deveria se tornar a autoridade. Os presbíteros no Brasil definem bem o seu papel: o presbítero não é dono da comunidade, ele deve coordenar os diferentes dons que existem em cada comunidade. Novamente, pensei: o que sou com vocês me consola. O povo de Deus,

a comunidade de base é a graça. A base é o povo dos empobrecidos que não têm voz nem vez, que são objetos e não sujeitos da história. Na igreja antiga se dizia: fora da igreja não tem salvação. João sublinha em seu livro: fora dos pobres não tem salvação. Nunca vou me esquecer de Dom Elder: Não para o povo, mas com o povo e como o povo”, confidenciou Martin.

“A gente gosta de ser pecador, gosta de prolongar o ato penitencial, herança da escravidão e esquecemos que somos santificados pelo batismo.”



Padre Martin fez inúmeros amigos em Jaciara e contribuiu ativamente com a comunidade, tanto como pároco e mentor religioso de jovens, quanto na participação de grupos e movimentos por causas sociais e ambientais.

Segundo ele, o grande aprendizado da sua estadia em Jaciara, nos primeiros anos, foi a compreensão profunda da Bíblia. Nessa ocasião, participou efetivamente da Pastoral Carcerária, conquistou a simpatia dos detentos. “Fui autêntico com eles” escreveu.

Martin organizou cada uma das vinte comunidades do município e fortaleceu as comunidades Eclesiais de Base (CEBs), atribuindo-lhes responsabilidades e organizando tudo, do dinheiro arrecadado à realização de festas e construção de igrejas e salões. Foi um grande apaixonado pela Bíblia, pela palavra de Deus, realizou grandes estudos e pesquisas sobre os originais da Bíblia em aramaico e nas sete línguas que dominava. Identificou erros de traduções e simplificou explicações teológicas em que os leigos tinham dificuldades no entendimento.

Um fato notório é o de que Martin sempre partilhava essas descobertas com as pessoas das comunidades, sem com isso tentar dominá-las. Ministrou vários cursos bíblicos para a comunidade de Jaciara e de toda a Diocese.

Sempre demonstrou muito respeito pela opção religiosa das pessoas, sem julgá-las ou persuadi-las. Não julgou ou condenou alguém, limitando-se em denunciar as mais variadas formas de injustiça, principalmente, contra os pobres e o meio-ambiente.

Construiu e reformou várias igrejas, creches e residências para

os menos favorecidos, independentemente de crenças religiosas. Socorria os doentes e ajudava na sobrevivência financeira dos carentes. Por muito tempo, ele e Gunter financiaram as custas dos serviços de advogados e secretários dos Direitos Humanos, com sede em Rondonópolis.

“Projetei igrejas e trabalhei com as próprias mãos, ouvindo o pedido do povo. Meu avô tinha razão. Me tornei um arquiteto”, recordou.

Ainda que contestador e autoritário e um tanto inflexível, Martin foi sempre uma autoridade por suas ações retilíneas e era sempre consultado pela comunidade. Foi interventor em muitos casos, pondo fim aos linchamentos de movimentos de rebeldia na cadeia. Foi humilhado, muitas vezes, por tentar conciliar interesses de latifundiários e de pequenos sítiantes, como os ocorridos no Distrito de Celma.

A celebração dos sacramentos é um capítulo à parte na vida do Padre Martin. E ficaram registradas em frases profundas, ainda que para leigos, sejam comuns.

“A maioria do povo fica no pensamento mágico, o batismo substitui a educação (os pais não transmitem a fé)”, pontuava, “Eu não gosto que antes da comunhão a gen-

te fale: paz contigo. A saudação com a paz inicia a celebração. A gente gosta de ser pecador, gosta de prolongar o ato penitencial, herança da escravidão e esquecemos que somos santificados pelo batismo. Na Bíblia, o encontro com Deus está sempre ligado com uma ceia comum. Orações longas e estilizadas dos tempos antigos eu não gosto, que não tenham relação com a Bíblia e nem com a vida de hoje, mas custa encontrar a palavra livre e adequada, não arbitrária nem subjetiva. Muitos cantos pronunciam certo que nós partilhamos o pão, só que não acontece na celebração da Eucaristia. Nos reunimos em volta do altar, partilhamos o corpo de Cristo, entre nós, nós partilhamos um só corpo e nos tornamos um só corpo. Nós bebemos de doze copos o sangue de Cristo e nos tornamos vida em Cristo. Alguns têm medo que uma partícula caia no chão ou que a mão do outro esteja suja. Questiono: Eles não têm medo que o nosso amor caia no chão ou que seja sujo?”, questionava com autoridade.

“Nunca imaginei quanto custava uma despedida dessas; muitos membros ativos saíram chorando e eu sofri com eles, eu mesmo aprendi o que significa morrer.”

O livro é permeado por relatos que descrevem as celebrações e eventos religiosos realizados na igreja matriz e em outras comunidades. No Natal, envolvendo a participação das crianças, Martin oferecia-lhes o pão sem ser consagrado, para se sentirem participativas na missa. Procissões onde se carregavam palmas, a Cerimônia do Lava Pés, Pentecostes à beira de um córrego, batismos. Todos tinham participação das comunidades.

Martin descreve com riqueza de detalhes o atendimento às dez comunidades do município e outras de fora, à 100 quilômetros de distância, que ele percorria, sempre na sua velha e inseparável camioneta.

“Na seca, poeira, na chuva, lama. Corria perigo de atolar, mas ela sempre me levou para as comunidades, cheia de material para construção. Após 500 mil km, faliu o motor, mas ela roda, roda, roda. O movimento na BR aumentou muito, fica difícil ultrapassar, vejo sempre os cacós de acidentes. A paisagem marcada pelo agronegócio: soja, algodão, e cana de açúcar. Os córregos secam e os aviões jogam veneno...”, disse, como em um lamento.

Defensor ferrenho do meio ambiente, no ano de 2001, construiu em conjunto com os membros da AEMA a sede da associação e, lá, foi morar em 2006.

Aos 75 anos de idade, como é praxe, teve de entregar a administração da paróquia a outro pároco. Martin não relata essa passagem. Limita-se a indagar: “O que foi o resultado de todos esses anos? Criei muitos laços de amizade e elas não se acabam, por isso, decidi ficar em Jaciara”.



Pe. Martin, comemorando seus 86 anos

Uma máxima verdadeira, tendo em vista que os amigos o acompanharam até seus últimos dias. No entanto, como num desafo que ele descreve como “Reta Final”, no meio do texto entrega-se a emoção nas frases, “recebi uma linda homenagem de surpresa, na minha despedida, eu sabia que devia sair, mas nunca imaginei quanto custava uma despedida dessas; muitos membros ativos saíram chorando e eu sofri com eles, eu mesmo aprendi o que significa morrer.” contou de forma filosófica.

Martin escreve que não quis enterrar a saudade e continuou a cuidar das comunidades até o dia em que o seu estado precário de saúde não mais permitiu, mas manteve-se firme na realização dos cursos bíblicos, e falava aos fiéis sobre seu último desejo:

“Deveríamos fundar uma comunidade que não seria uma cópia da que existe, uma comunidade diferente; na qual cada uma assume um compromisso, seja na preservação do meio ambiente, seja com os presos, com os Sem-Terra ou qualquer segmento que tenha conflitos na sociedade. O importante é o Evangelho e o Reino de Deus, onde todos tenham tudo em comum. O espírito sopra onde quer”, idealizava.

Lamento que tenha tido tão pouco tempo para usufruir de sua sabedoria. Os que o fizeram, com certeza, reconhecem o grande legado deixado por ele. A última vez que o vi, falou-me com a propriedade que só aqueles que possuem uma alma pura sabem falar sobre a energia, “sobre a Espirita Santa.”

Contemplamos juntos a beleza de um flamboyant florido na AEMA. Nunca mais o vi. No entanto, nunca mais vou deixar de me lembrar dele, das coisas que me ensinou. Martin deixou um lindo legado: o do amor incondicional, tão raro nos dias de hoje, onde impera a ganância e o ego.

Espiritualista que sou, creio que a Natureza recebeu em seu seio a sua matéria e, onde quer que o Padre Martin esteja, nos abençoa, sorrindo.

Minha eterna gratidão, amigo Martin. ■